

“O mundo não para de girar” — a juventude roqueira dos anos de 1980 e suas relações com as bebidas alcoólicas

Gustavo dos Santos Prado

Doutorando e Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

gspgustavo.historia@hotmail.com

Resumo

Uma grande parcela das composições de rock nacional da década de 1980, trazem em seu bojo uma trama cultural complexa, resultado das aspirações que vários jovens artistas tiveram e que foram experienciadas em um dado cotidiano urbano. Assim, é comum as músicas abordarem temáticas que polarizavam a atenção dos jovens, tais como relacionamentos, festas, relações familiares, dentre várias. Diante desse universo de temáticas, que já foram relativamente exploradas na esfera acadêmica, a comunicação em questão, visa abordar as formas que, uma parcela do movimento roqueiro da década de 1980, representaram em suas composições, as suas relações com as bebidas alcoólicas. O resultado desse envolvimento permite que problematizemos a relação do jovem consigo mesmo, bem como com seu cotidiano vivido. Para tanto, foram trazidas para análise cinco canções, de grupos e artistas diversos, que fizeram parte do movimento musical em questão.

Palavras-chave

rock, juventude, álcool.

Introdução

O rock nacional da década de 1980 emerge no cenário acadêmico, demonstrando-se fértil para inúmeras análises e reflexões.¹ Tal característica, assim se coloca, pois os artistas que seguiram esse universo cultural, colocaram em suas composições, diversos dilemas e conflitos que foram vividos em um dado cotidiano urbano.²

O movimento roqueiro dos anos 80 foi resultado de uma trama complexa, que envolvera um período no qual o direito a liberdade política, foi sendo reconquistado de forma gradativa. Naquele momento, uma parcela da juventude³, após uma “longa transição” (KINZO, 2001, s.p.) para o regime democrático, possuiu maior possibilidade de manifestação, se comparada aos jovens de anos anteriores.

Nota-se assim que, o quadro político denotava protesto, reivindicação e luta por liberdade de expressão. Outrora, esse engajamento político foi obrigado a conviver com anos de recessão econômica, que possuiu sua gênese com o choque mundial do petróleo de 1973⁴ e que foi agravada com a política econômica do governo Sarney, que visava, sem sucesso, a contenção da bolha inflacionária. Assim,

¹ Não é possível detectar aspectos de determinadas épocas no nível do seu “sentir” senão pela arte e mais precisamente pela música. Não há vestígio histórico mais envolvente, ainda que não raras vezes mais imperceptível, quanto conceitualidade, do que a música em determinados períodos (WISNIK; SQUEFF, 1982, p. 15).

² A vida cotidiana é também vista como um espaço onde o acaso, o inesperado, o prazer profundo de repente descoberto em um dia qualquer eleva os homens dessa cotidianidade, retornando a ela de forma modificada. É um palco de insurreição, já que nele atravessam informações, buscas, trocas, que fermentam sua transformação. (CARVALHO; NETTO, 1996, p. 14)

³ A juventude, nesse artigo, é vista como uma etapa de transição, sendo seus marcos delimitadores de difícil interpretação. Nesse ínterim, reconhecemos que tal etapa de vida está em simbiose com a transição e passagem, aproximando - se assim, das proposições de Abramo (1994).

⁴ A manutenção do crescimento econômico a taxas históricas durante o período só foi possível com o recurso ao endividamento externo, que retardou o ajuste da economia à nova situação internacional. (CARNEIRO, 1991, p. 9)



Entre 1985 e 1989, a política econômica do governo Sarney passou por diversas reviravoltas, com planos e choques heterodoxos e retornos ao “feijão com arroz” ortodoxo, oscilando entre o maciço apoio da população e a total perda de credibilidade. Nesse período, a inflação multiplicou-se por quatro, chegando a 1.000% ao ano, e às portas da hiperinflação. (ALMEIDA, 2011, p. 68)

Enquanto movimento cultural, o rock traz em seu bojo, uma interação complexa de diversas sonoridades, espacialidades e temáticas, resultado e resultante de uma trama que possui a “circularidade” (BAKTHIN, 1993) desde sua gênese, pois a “origem do ritmo nasceu do jazz, do country, do blues e da miscigenação étnica de seus elementos.” (RAMOS, 2009, p. 8)

Com isso, nota-se que, uma parcela significativa das bandas de rock, dos anos 80, receberam influências do punk britânico, em suas melodias, poesias e comportamento, com destaque a formação de bandas de garagem⁵, bem como ao lema “do it yourself”. (faça você mesmo). Assim, iniciaram suas trajetórias artísticas, compondo suas letras e melodias, montando sua banda e fazendo o seu som. (OLIVERIA, 2007, p. 19-59). Portanto,

[...] eram grupos de jovens descontentes com o estado geral das coisas, num leque amplo e difuso, que vai das alternativas de lazer às perspectivas profissionais, às normas sociais, à situação do país e com um anseio por agitação. Esses jovens encontraram, no ideário punk, uma maneira de atuar, algo em torno do qual estruturar uma divisão genuína, intensa, que fornecesse ao mesmo tempo uma identidade singular e uma forma de expressar a insatisfação. (ABRAMO, 1994, p. 93)

⁵ [...] uma boa parte das bandas de garagem constituem-se em torno de identidades dissidentes, como se sua experiência refletisse tensões, contradições e contestações em relação à cultura dominante ou aos modos esvaziados de significado. Nesses sentidos, os nomes das bandas acabam por metaforizar identidades. A metáfora é a base semântica que permite criar uma identidade. O meu nome é metáfora do meu corpo, de modo que o nome de uma banda é o que permite ser identificada. As bandas jogam com nomes da mesma forma que os estilos (visuais ou sonoros), também eles elementos de identificação que ajudam a recriar tendências estéticas-musicais em um malabarismo de criatividade orientado para o prazer e o arranjo musical. (PAIS, 2006, p. 32)



Nesse leque de possibilidades de análise temática, trouxemos à baila, as formas que, os grupos de rock daquele momento, representaram⁶ em suas composições, as relações com as bebidas alcoólicas. Para tanto, algumas perguntas devem ser realizadas: Qual a simbologia dada à esse tipo de bebida por tais grupos? De que forma o álcool foi representado nas canções? Em quais eventos cotidianos o álcool se fez presente? Que relações culturais podemos problematizar a partir da relação jovem, rock e bebida alcóolica?

Para dar cabo das perguntas elencadas, o texto segue com a análise de cinco canções, de grupos e artistas diversos, que chamaram à atenção do mercado fonográfico daquele momento.⁷ Ainda, tal como exige o documento sonoro, procede-se com um diálogo inter-multi e transdisciplinar, em especial com a semiótica, enfatizando que, não há pretensão de fazer uma análise essencialmente musicológica.⁸ Ao final, chegaremos à alguns apontamentos conclusivos, frente a importante temática elencada, pois, o álcool “abre a ordem dos possíveis, alivia coerções sociais e propicia que se passe dos atos”. (MAFESSOLI, 1985, p. 142.)

⁶ Segundo Chartier (1990, p. 17) “As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”

⁷ Para ver mais sobre o funcionamento do mercado fonográfico daquele momento: Dias (2000); Brandini (2004).

⁸ Ocorre, no entanto, que, por ter como objeto todo e qualquer tipo de mensagem, todo e qualquer tipo de produção de sentido ou de não sentido, de transmissão de informação e de processo interpretativo de qualquer espécie que seja, a semiótica acaba tendo, por sua própria natureza, um caráter híbrido, sendo ao mesmo tempo uma especialidade e um campo de conexão entre disciplinas, do que decorre sua inter, multi e transdisciplinaridade. (SANTANELLA, 1998, p. 24-25)



A juventude roqueira dos anos de 1980 e suas relações com as bebidas alcoólicas.

As canções de rock nacional, dos anos de 1980, trouxeram inúmeras representações de bebidas alcoólicas. Em grande medida, essas, supostamente, trariam para o sujeito expresso na poética, um “ar desinibido”, aventureiro e conquistador. Visava assim, consumar os seus desejos emocionais e subjetivos⁹, rumo à felicidade entre os pares:

Mais uma dose?
É claro que eu estou a fim
A noite nunca tem fim
Por que que a gente é assim?

Agora fica comigo
E vê se não desgruda de mim
Vê se ao menos me engole
Mas não me mastiga assim

Canibais de nós mesmos
Antes que a terra nos coma
Cem gramas, sem dramas
Por que que a gente é assim?

Mais uma dose?
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Baby, por que a gente é assim?

Você tem exatamente
Três mil horas pra parar de me beijar
Hum, meu bem, você tem tudo
Pra me conquistar

⁹ [...] tematizar a subjetividade permite problematizar a noção de sujeito universal, unilateral, isolável, emergindo a centralidade nos processos de diferenciação e na possibilidade de construção singular da existência nas configurações assumidas pelas apreensões que os sujeitos fazem de si mesmo e do mundo [...] A emergência de subjetividades plurais, livre do julgo do sujeito abstrato e universal, além de libertar as dicotomias como branco/preto, homem/mulher, cultura/ natureza, igualdade/diferença, onde toda a posicionalidade está aberta a mudança no processo de desconstrução e devir social. (MATOS, 2005, p. 27-28).

Você tem exatamente
Um segundo pra aprender a me amar
Você tem a vida inteira
Pra me devorar
Pra me devorar!

Mais uma dose?
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Por que a gente é assim?¹⁰

Iniciada por uma melodia¹¹ vagarosa e tensa, o narrador entoa a letra de forma lenta e arrastada.¹² Com ela, o sujeito procura reiterar o desejo de consumar sua relação, sendo que, o consumo da bebida, seria crucial para um prolongamento do momento vivido: “Mais uma dose?/ É claro que eu estou afim/ A noite nunca tem fim/ Por que a gente é assim?/ Agora fica comigo/ E vê se não desgruda de mim/ Vê se ao menos me engole/ Não me mastigue assim/”.

Posteriormente, o andamento¹³ da canção, passa a ficar mais rápido e intenso. Assim, o narrador projetou sua relação de forma intensa, forte e prazerosa, indicando que, seus objetivos iniciais haviam tido o resultado esperado: “Canibais de nós mesmos/ Antes que a terra nos coma/ Cem gramas, sem dramas/ Por que a gente é assim?/”.

¹⁰ Barão Vermelho. Por que a gente é assim?. Álbum: Maior Abandonado. Som Livre, 1984.

¹¹ De forma genérica, certa sequência de notas organizadas sobre uma estrutura rítmica que encerra algum sentido musical (DOURADO, 2004, p. 200).

¹² A reflexão sobre música remete-nos também aos jogos do simbólico, na medida em que, por intermédio dos símbolos, tomamos o mundo e a nós próprios como objeto de significação. O discurso musical é, assim, algo que cabe na categoria dos símbolos: notas, pausas, regras, leis, sistemas, todos códigos repertoriados em uma cultura (SEKEFF, 1998, p. 34).

¹³ Indicativo de tempo e/ou de caráter, determina como a peça ou trecho devem ser executados (DOURADO, 2004, p. 26).



Modificando a postura melódica inicial, a música passa a se constituir mais alegre e felicita. Tal quadro, assim se fez, pois o narrador sentiu que, poderia ter a pessoa desejada, por um período mais longo. Logrando êxito em suas sentimentalidades, o sujeito expressou uma poética carregada de prognóstico de futuro: “*Você tem exatamente/ Três mil horas pra parar de me beijar/ Hum, meu bem, você tem tudo/ Pra me conquistar/ Você tem exatamente/ Um segundo pra apreender a me amar/ Você tem a vida inteira/ Pra me devorar/ Pra me devorar/*”.

Tal desejo, de acordo com a poética, só foi correspondido à partir de uma aproximação que foi possibilitada pelo consumo de álcool.¹⁴ Assim, nota-se que, as relações com as drogas, em especial com o álcool, deve ser compreendida de uma forma dinâmica, tendo em vista que a motivação para o consumo modifica-se no decorrer do tempo e da cultura. (CUSTÓDIO, 2009, p. 27)

Dentro do universo cultural do rock, não foi incomum encontrar canções que procuraram associar o consumo de álcool a festas e diversão. Assim, o consumo de bebidas levaria o jovem representado a um “escapismo” do cotidiano, trazendo assim, outras interpretações diante do assunto abordado até então:

Depois de duas ou três garrafas
às vezes eu fico tonto,
é que o mundo não para de girar
nem de transladar!
O álcool aumenta a minha sensibilidade
e eu começo a perceber
que o mundo não para de girar!

Ainda bem que eu não sou
nenhum lunático
pois ficar bêbado na lua

¹⁴ Nesse contexto, o amor moderno se desenvolve como código de comunicação capaz de mediar o intercâmbio entre duas pessoas muito exclusivas e que manipulam dois mundos de significados singulares, recortados de maneira extremamente individualizada. (COSTA, 2005, p. 120)



deve ser bem pior!
Pois a lua gira em torno da Terra
que gira sobre si mesma
que gira em torno do Sol
e ainda tem o movimento de precessão
que a lua faz em seu próprio eixo!

O mundo não para de girar
por isso eu estou tonto!¹⁵

Marcada por uma melodia rápida e aguçada, o sujeito expresso na poética, passa a declamar os “benefícios” que o consumo de álcool, traria para sua existencialidade. Em um cotidiano rápido, moderno e virulento, para o adstrito, seria necessário a ingestão de álcool, pois, somente assim, entraria em compasso com o mundo ao seu entorno:¹⁶ “*Depois de duas ou três garrafas/ às vezes eu fico tonto/ é que o mundo não para de girar/ nem de transladar!/ O álcool aumenta a minha sensibilidade/ e eu começo a perceber/ que o mundo não para de girar!*”.

Mantendo a melodia inicial, o adstrito passou a representar o efeito que o álcool gerou no organismo bem como em seu momento vivido. Sua suposta “embriaguez”, emerge como um caminho à ser seguido, frente à busca de uma dada visão de mundo, que apareceu em constante mutação. Com esse intuito, o narrador procurou situar e intervir em seu cotidiano: “*Ainda bem que eu não sou nenhum lunático/ Pois ficar bêbado na Lua/ Deve ser bem pior!/ Pois a Lua gira em torno da Terra/ Que gira em torno de si mesma/ Que gira em torno do Sol/ E ainda tem o movimento de precessão/ Que a lua faz em seu próprio eixo/ O mundo não para de*

¹⁵ Garotos Podres. *O mundo não para de girar*. Live in Rio. Gravadora Independente, 2001.

¹⁶ [...] o ser moderno é viver uma vida de paradoxos e contradições. E sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detém o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores e vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando em nosso mundo [...] e ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiências e aventuras aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda em quanto tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 1986, p. 12).

girar/Por isso eu estou tonto". Como pontou Mafessoli (1985 p. 141), o “álcool permite uma circulação de palavras e de corpo que lhe asseguram sua carga simbólica”.

Em outras composições, a junção/reflexão álcool - festa, ao invés de fortalecer as convicções do indivíduo, traz as aflições provenientes de tal binômio. Com isso, a alegria e felicidade, cederam espaço para outras subjetividades e sensibilidades:

A vida até parece uma festa,
Em certas horas isso é o que nos resta.
Não se esquece o preço que ela cobra,
Em certas horas isso é o que nos sobra.

Ficar frágil feito uma criança,
Só por medo ou por insegurança.
Ficar bem ou mal acompanhado,
Não importa se der tudo errado.

Às vezes qualquer um faz qualquer coisa
Por sexo, drogas e diversão.
Tudo isso às vezes só aumenta
A angústia e a insatisfação.

Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
Atrás de distração.
Nada disso às vezes diminui
A dor e a solidão.

Tudo isso, às vezes tudo é fútil,
Ficar ébrio atrás de diversão.
Nada disso, às vezes nada importa,
Ficar sóbrio não é solução.

Diversão é solução sim,
Diversão é solução prá mim.
Diversão é solução sim,
Diversão é solução prá mim.
Diversão é solução sim,



Diversão é solução prá mim.
Diversão!
Diversão!¹⁷

A melodia alegre e festiva, mescla-se à momentos de relativa tensividade.¹⁸ Tal quadro, assim se fez, pois o narrador encara a festa e seus desdobramentos, como um grande paradoxo. Afinal, festa e diversão, não carregam em seu bojo, somente, alegria e felicidade, pois, traria à tona algumas dificuldades inerentes ao momento vivido: “*A vida até parece uma festa/ Em certas horas é o que nos resta/ Não se esquece o preço que ela cobra/ Em certas horas isso é o que nos sobra/ Fica frágil feito uma criança/ Só por medo ou por insegurança/ Ficar bem ou mal acompanhado/ Não importa se der tudo errado/*”.

Tentando uma fuga, frente as dificuldades vividas, o sujeito expresso na poética, passou a pontuar em seu discurso, sua relação com o álcool. Diferentemente de outras canções, a bebida não foi vista, somente, como sinônimo de felicidade. Pelo contrário, a diversão cedeu espaço para a tristeza, angústia e infelicidade, aumentando a tensividade da trama exposta: “*Às vezes qualquer um faz qualquer coisa/ Por sexo, drogas e diversão/ Tudo isso às vezes só aumenta/ A angústia e a insatisfação/ Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool/ Atrás de distração/ Nada disso às vezes diminui/ A dor e a Solidão/ Tudo isso, às vezes tudo é fútil/ Ficar ébrio atrás de diversão/ Nada disso, às vezes nada importa/ Ficar sóbrio não é a solução/*”.

Com essa tensão cotidiana, o narrador sintetiza seu momento vivido: “*Diversão é solução sim/ Diversão é solução prá mim.*”. Dai então, a diversão não seria sinônimo de festas, prazer e hedonismo. Pelo contrário, em seu

¹⁷ Titãs. Diversão. Álbum: Jesus não tem dente no país de banguelas. WEA, 1987.

¹⁸ Alimentada por um repertório sociocultural, ela (a melodia) diz respeito ao ritmo sentimental, característico de cada indivíduo, estrutura particular de respostas emocionais. E como participa das bases fisiológicas da gênese das emoções, a experiência melódica acaba por colaborar na mediatização das emoções. (SEKEFF, 2009, p. 115)



universo, traz inúmeras dificuldades vividas pelo sujeito em sua esfera subjetiva. Assim, poder ser notado que:

a experiência do sujeito contemporâneo seria então marcada pela necessidade de lidar ao mesmo tempo com o desamparo básico – constitutivo da condição humana – e sua intensificação, provocada por aquela “insuficiência do estoque identificatório. O narcisismo contemporâneo surge aí como uma defesa possível para o sujeito diante desse quadro, facultando-lhe a construção de identidades, que embora frágeis e passageiras, permitiram sua sobrevivência. (COELHO, 2006, p. 179).

Nessa perspectiva, como poderá ser notado, a bebida significou fuga, es-
capismo, sendo uma tentativa do sujeito expresso de esquecer os proble-
mas que foram sendo experienciados. Foi comum encontrar composi-
ções, nas quais o consumo de álcool veio acompanhada de vazio, tristeza
e solidão:

Eu que falei nem pensar
Agora me arrependo roendo as unhas
Frágeis testemunhas
De um crime sem perdão

Mas eu falei nem pensar
Coração na mão
Como um refrão de um bolero
Eu fui sincero como não se pode ser

E um erro assim, tão vulgar
Nos persegue a noite inteira
E quando acaba a bebedeira
Ele consegue nos achar

Num bar,
Com um vinho barato
Um cigarro no cinzeiro
E uma cara embriagada
No espelho do banheiro



Teus lábios são labirintos
Que atraem os meus instintos mais sacanas
E o teu olhar sempre distante sempre me engana
Eu entro sempre na tua dança de cigana.

Eu que falei nem pensar
Agora me arrependo roendo as unhas
Frágeis testemunhas
De um crime sem perdão

Mas eu falei sem pensar
Coração na mão
Como o refrão de um bolero
Eu fui sincero
Eu fui sincero

Ana, teus lábios são labirintos
Ana, que atraem os meus instintos mais sacanas
E o teu olhar sempre me engana
É o fim do mundo todo dia da semana.

Ana, teus lábios são labirintos
Ana, que atraem os meus instintos mais sacanas
E o teu olhar sempre me engana
É o fim do mundo todo dia da semana.¹⁹

A melodia aparece vagarosa, triste e melancólica.²⁰ Com ela, o sujeito começou a pontuar os fatores motivadores de sua tristeza, que estão intimamente ligados, com as discordâncias e impasses frente a sua relação amorosa. Notar-se-á que, o consumo de álcool, sintetiza as reflexões provenientes de tal momento vivido: “*Eu que falei nem pensar/ Agora me arrependo roendo as unhas/ Frágeis testemunhas/ De um crime sem*

¹⁹ Engenheiros do Hawaii. Refrão de Bolero. Álbum: A revolta dos dândis, BMG, 1987.

²⁰ Para a semiótica não há percepção de conteúdos semânticos (biológicos, sociais e psicológicos) sem envolvimento afetivo do sujeito. Não há análise de conteúdo que não implique um sentimento anterior como primeiro critério de categorização: fatos que nos atraem, nos repelem ou nos causam indiferença. (TATIT, 1997, p. 94)

perdão/ Mas eu falei nem pensar/ Coração na mão como um refrão de um bolero/ E fui sincero como não se pode ser/ E um erro assim, tão vulgar/ Nos persegue a noite inteira/ E quando acaba a bebedeira/ Ele nos consegue nos achar/”.

Posteriormente, o narrador passou a descrever o espaço onde está situado, trazendo junto de si, inúmeras memórias com relação à seu relacionamento. Assim, detalhes da cena emergem, junto com saudades, contradições e afetividades. O ato e consumo de bebida alcóolica, sintetizou essa trajetória, experienciada pelo narrador: “*Num bar/ Com um vinho barato/ Um cigarro no cinzeiro/ E uma cara embriagada/ No espelho do banheiro/ Teus lábios são labirintos/ Que atraem os meus instintos mais sacanas/ E o teu olhar sempre distante me engana/ E eu entro na tua dança de cigana*”.

Formou-se assim, um “binômio”, bebida e solidão, no qual as frustrações amorosas são latentes nesse. Pode-se afirmar que,

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bêncas ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um começa o outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos de ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p.6)

Em outras composições, a relação do jovem com o álcool apareceu diferente da anterior. Nela, a bebida surgiu como um sinônimo de polarização e referência juvenil, rumo à identificação e socialização:

O álcool, o álcool
O álcool domina minha mente,
O álcool, o álcool



Álcool domina minha mente

Saio a noite com os amigos
Para provar o gosto do álcool
Todos alegres em volta da mesa
Cantam e veneram o álcool

O álcool, o álcool
O álcool domina minha mente,
O álcool, o álcool
Álcool domina minha mente

Minha juventude prometo desligar
Dessa merda não vem acabar
Sexta-feira quando saio pra vila
O álcool não pode faltar

O álcool, o álcool
O álcool domina minha mente,
O álcool, o álcool
O álcool domina minha mente

Dominou essa porra.²¹

Em uma melodia alegre, o sujeito pontua a importância do álcool, no que se refere a identificação dos jovens. Assim, deixou nítida a impressão que, a diversão em grupo, só seria possível se caso tivesse o consumo de bebida alcoólica: “*O álcool, o álcool domina a minha mente/ O álcool, o álcool domina a minha mente/ Saio a noite com os amigos/ Para provar o gosto do álcool/ Todos alegres em volta da mesa/ Cantam e veneram o álcool/ O álcool, o álcool/ Álcool domina minha mente*”.

Nota-se assim, como o álcool emergiu da canção, como sinônimo de conversas, iniciação, diversão e socialização. Afinal,

²¹ Garotos Podres. O Hino do Álcool. Disponível em: <http://www.ouvirmusica.com.br/garotos-podres/1086001/#mais-acessadas/1086001>. Acesso em 19/07/2013.



As relações sociais, que caracterizam os seres humanos, vão se delineando e se modificando em termos de estrutura e de importância no decorrer da vida. É na adolescência que os grupos passam a aumentar seu nível de importância e de influência, de modo que o adolescente, ao se inserir em um grupo, se torna um membro funcional e assimila a cultura que lhe é própria, se apropriando de comportamentos e atitudes, modelando-os por valores, crenças e normas. As relações no seio do grupo de colegas fornecem-nos algumas pistas para a compreensão do desenvolvimento psicológico e social (SPRINTHALL; COLLINS, 1998. Apud CUSTÓDIO, 2009, p. 65.).

Apontamentos conclusivos

Ao longo do texto, podemos notar que, o álcool foi associado a vários eventos da vida cotidiana. Assim, via de regra, representou alegrias, tristezas, angústias, felicidades, variando de acordo com o momento vivido pelo sujeito; em uma dada poética musical.

Na canção do Barão Vermelho, podemos perceber que, o consumo de bebida alcoólica foi crucial para a manutenção da relação. É a partir daquela que, o sujeito representado, aproximou-se de quem possuía afeição. A melodia vagarosa e felicita, concedeu a atmosfera para que a representação do relacionamento ocorresse, dando condições para que o sujeito representado lograsse êxito na relação.

Já na canção dos Garotos Podres, a melodia rápida e aguçada, deu condições para que o sujeito colocasse em questão, não só o efeito do álcool em seu organismo. Em outra via, o consumo de tal bebida, serviu para que o sujeito intervisse em seu cotidiano turbulento, rápido e confuso.

Na poética dos Titãs, a diversão foi trazida de forma paradoxal e ambígua. Tal quadro, assim se mostrou, pois, a festa não foi sinônimo de alegria e felicidade. Ao contrário, foi nela que o sujeito representado, extravasou suas angústias, tristezas e frustrações. Diante desse quadro confuso, não restou ao sujeito outra saída, que não fosse o consumo exacerbado de bebida alcoólica, tendo à luz o momento que foi experienciado.



Refletindo o término do relacionamento, a canção dos Engenheiros do Hawaii, trouxe a bebida alcoólica como sinônimo de solidão, tristeza e frustração. A melodia lenta, arrastada e triste, concedeu a condição necessária, para que o sujeito colocasse em discussão, suas aflições subjetivas.

Por fim, em outra canção, também dos Garotos Podres, nota-se que o consumo de álcool promoveu a identificação entre os jovens. Assim, a bebida em questão foi elo que promoveu reconhecimento entre os sujeitos expressos na trama. Nesse contexto, a melodia alegre e festiva, respaldou o discurso do sujeito.

Podemos concluir que, o álcool acompanhou inúmeros momentos vividos pelos sujeitos expressos nas canções trazidas para análise. Não ao acaso, a bebida em questão, foi trazida de forma constante, ganhando espaço significativo nas produções de rock nacional da década de 1980. Assim, representou e subjetivou inúmeros sentimentos e emoções, que foram vividos em um dado momento.

Referências

ABRAMO, Helena Wendell. Cenas Juvenis. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil (1978-1989). Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução de

Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDINI, Valéria. Cenários do Rock: mercado produção e tendências. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

CARNEIRO, Ricardo de Medeiros. Crise, Estagnação e Hiperinflação - A economia brasileira dos anos 80. Tese (Doutorado em Economia), Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 1991.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; NETTO, José Paulo. Cotidiano: conhecimento e crítica. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 1996.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Sérgio. “Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia”. Novos estud. - CEBRAP, 2005, n.73, pp. 111-124. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n73/a08n73.pdf>. Acesso em 10/07/2013.

COELHO, Maria Cláudia. “Juventude e sentimentos de vazio: idolatria e relações amorosas”. In ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

CUSTÓDIO, Débora Karla Sampaio Alves. Álcool e Sociabilidade: A farra dos adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

DIAS, Marcia Tosta. Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo, 2000.

DOURADO, Henrique Autran. Dicionário de termos e expressões da música. São Paulo: Editora 34.

KINZO, Maria D' ALVA G. “A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição.” Revista São Paulo em Perspectiva. Vol.15, n. 4, São Paulo: Outubro-dezembro, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000400002&script=sci_arttext&tlang=es. Acesso em: 17/01/2013.

MAFESSOLI, Michel. A sombra de Dionísio: contribuições para uma sociologia da orgia. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru - SP: Edusc, 2005.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. O anarquismo do movimento punk: cidade de São Paulo, 1980-1990. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, Eliana Batista. Anos 60 e 70: “Brasil, juventude e rock”. Revista Ágora. n.10. Vitória, 2009, p. 1-20. Disponível em: http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documents/Revista_10_PDFs/agora_Eliana%20Batista%20Ramos-Ok.pdf. Acesso em: 05/06/2013.

SANTANELLA, Lucia. “Panorama da semiótica geral”. In: TOMÁS, Lia (org.). De sons e signos: música, mídia e contemporaneidade. São Paulo: Educ, 1998, p. 24-25.

SEKEFF, Maria de Lourdes. “Música e Semiótica”. In TOMÁS, Lia (Org.). De sons e signos: música, mídia e contemporaneidade. São Paulo: Educ, 1998.

_____. Música, estética de subjetivação: Tema com variações. São Paulo: Anablume, 2009.

TATIT, Luiz. Musicando a Semiótica: ensaios. São Paulo: Annablume, 1997.

PAIS, José Machado. “Bandas de Garagem e Identidades Juvenis”. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA; Elisabeth Murilho da (orgs.). Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana. São Paulo: Educ, 2006.

SPRINTHALL, N. A; COLLINS, W. A. Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. 3^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

WISNIK, José Miguel; SQUEFF, Enio. Música. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

Fontes

Barão Vermelho. Por que a gente é assim?. Álbum: Maior Abandonado. Som Livre, 1984.

Engenheiros do Hawaii. Refrão de Bolero.

Álbum: A revolta dos dândis, BMG, 1987.

Garotos Podres. O mundo não para de girar. Live in Rio. Gravadora Independente, 2001.

_____. O Hino do Álcool. Disponível em: <http://www.ouvirmusica.com.br/garotos-podres/1086001/#mais->

acessadas/1086001. Acesso em 19/07/2013.
Titãs. Diversão. Álbum: Jesus não tem
dente no país de banguelas. WEA, 1987.

